

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DIIARTES - COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS.



A POÉTICA DAS CORES EM
Brilho Eterno
de uma mente sem lembranças

Autor: Joadisson de Souza Barbosa
Orientador: Prof. Sílvio Oliveira



JOADISSON DE SOUZA BARBOSA

**A POÉTICA DAS CORES EM
“BRILHO ETERNO DE UMA MENTE SEM LEMBRANÇAS”**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Linguística, Literatura e Artes, Campus II, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do grau de licenciado, orientado pelo Prof. Silvio Roberto dos Santos Oliveira

Alagoinhas
2023

SUMÁRIO

RESUMO	04
ABSTRACT	05
1 INTRODUÇÃO	06
2 Poética: algumas visões possíveis	09
3 <i>Fraimes</i> da memória: um filme das lembranças e do... e do... esquecimento	17
FASE 1 – Clementine e o Ruína Azul (<i>Blue Ruin</i>)	18
FASE 2 – O agente Laranja (<i>agent orange</i>)	20
FASE 3 – A ameaça vermelha (Red Menace)	24
FASE 4 – A revolução Verde (<i>Green Revolution</i>)	28
CONCLUSÃO: : a lembrança nunca se conclui	38
SUPLEMENTOS: ou convite à (in)conclusão	40
SYRE	41
LÁGRIMAS DE WILLOW	43
O ULTIMO ENCONTRO	44
REFERÊNCIAS	47

RESUMO:

A pesquisa **A Poética das Cores em “Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças”** analisa as figurações poéticas das cores na obra fílmica **Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças**, dirigido por Michel Gondry, que dividiu o roteiro com Charlie Kaufman. O objetivo central desta pesquisa é refletir sobre uma possível poética das cores a simbolizar sentimentos, notadamente dos personagens e compreender como as cores podem representar as emoções das personagens Joel Barish (interpretado por Jim Carrey) e Clementine Kruczynski (interpretada por Kate Winslet). Por meio da análise, pretende-se estabelecer um método de leitura dessa simbologia das cores, estampadas em cenários, vestimentas, cabelos e outros elementos secundários durante a narrativa. De tal modo, buscamos compreender a cor como uma forma ou mesmo signo de linguagem, que pode expressar inclusive estado emocional das personagens. Para tanto, essa pesquisa se articula através da abordagem qualitativa pelo escopo metodológico de base bibliográfico-documental (SILVEIRA,2011), por meio de análises de artigos acadêmicos, revistas científicas, repositórios científicos digitais, da obra fílmica e de textos informativos, que de algum modo abordam categorias conceituais, tais como: a história do cinema e a inserção de cores, poética das cores e semiótica. Os pressupostos teóricos fundamentais foram provocados por textos de SANTAELLA (1983), STAIGER (1977), HELLER (2014), STAM (2006), dentre outros. Assim, ao fim, deverão ser salientados aspectos concernentes à reflexão proposta. Como suplemento textual, a brindar o jogo da memória proposto pelo filme, anexamos ao próprio texto um quadro de cores principais e ressaltamos visualmente a nossa leitura de certas cenas, com as simbologias possíveis dessas relações.

Palavras-chaves: Memória; símbolo; filme; cores; poética.

ABSTRACT

The Poetics of Colors in the film “Eternal Sunshine of the Spotless Mind (2004)” analyzes the poetic figurations of colors in the film, directed by Michel Gondry and written by Charlie Kaufman. The main objective of this research is to think about how the poetics of colors can be used as a language to symbolize the feelings of the characters Joel Barish (Jim Carrey) and Clementine Kruczvski (Kate Winslet). Through analysis, the project aims to create a method of reading this symbolism of colors, in the settings, in the clothes, in the hair and other secondary elements. Thus, we seek to understand colors as a form or as a sign of language, which can express the emotional states of the characters. This research had a qualitative and bibliographic-documentary approach (SILVEIRA, 2021), as the analysis was carried out through academic articles, scientific journals, digital scientific repositories and comparative and informative texts, as long as they, in some way, talk about some conceptual categories, such as: the history of cinema and the addition of colors, the poetics of color and the. The assumptions necessary to make this text are: SANTAELLA(1983), STAIGER (1977), HELLER (2014), STAM (2006).

Key-words: memories; symbol; movies; colors; poetic

INTRODUÇÃO

O intuito desse projeto, para além das análises realizadas, contextualizando e conversando com teóricos que sustentam a base das interpretações subjetivas do corpo desse escrito, no fundo, é também de inserir como parte desse texto, obras artísticas visuais autorais do analista, usando a cor como um veículo que conduz os apreciadores de artes à serem tocados no seu íntimo. Essas imagens, essas cores, é preciso dizer, integram a minha leitura do filme. Apresentá-las condiz com uma confissão genuína do que o filme gerou neste leitor.

Como dito anteriormente, conceitualizando a poética das cores de modo contracolonial, como uma nova narrativa íntima e pública, as obras criadas para este projeto trazem o principal elemento de suporte as cores, ou a falta delas, de modo minimalista. O que quero transpor através das artes expostas são as cores que predominaram em minhas lembranças de momentos felizes, tristes, de ansiedades, de raiva, entre outros sentimentos, de antes, durante ou depois de assistir ao filme. Dito isto, cada imagem contém título, tamanho, e descrição da arte.

SYRE



O título foi inspirado em um dos álbuns do Jaden Smith, mas a arte foi feita muito antes dela ter este nome. A tela tem a pintura de um garoto em um poça de água formada pelas ondas do mar rodeado de rochas, sob a luz do luar, o garoto com as mãos cobrindo o rosto e apenas usando um *shorts* branco, manchado em tons de preto,

representando o sentimento de não querer encarar os movimentos internos que, por um momento, são tão grandes quanto o mar, o céu e a lua em sua volta. O fato de ele estar rodeado nas rochas representa o fato dele querer se proteger de algo que não sabe lidar.

As cores que compõem essa obra são o azul, no mar e na lua, esta por sua vez em muitas interpretações, como em horóscopos, por exemplo, ligada ao sentimento. A escolha do tom azul na tela foi intencional, devido a querer transpor um lugar de conforto em estar triste, mas que ao mesmo tempo tivesse contato com o espiritual, com a introspecção e com o feminino. Heller (2014, p. 61), diz que: *“de acordo com a tradição antiga, o azul simbolizava o princípio feminino. O azul é plácido, passivo, introvertido; no simbolismo ele pertence à água, que também é um atributo feminino.”* Esse sentimento, enquanto espectador, sob a leitura que procedi, comunguei com Joel.

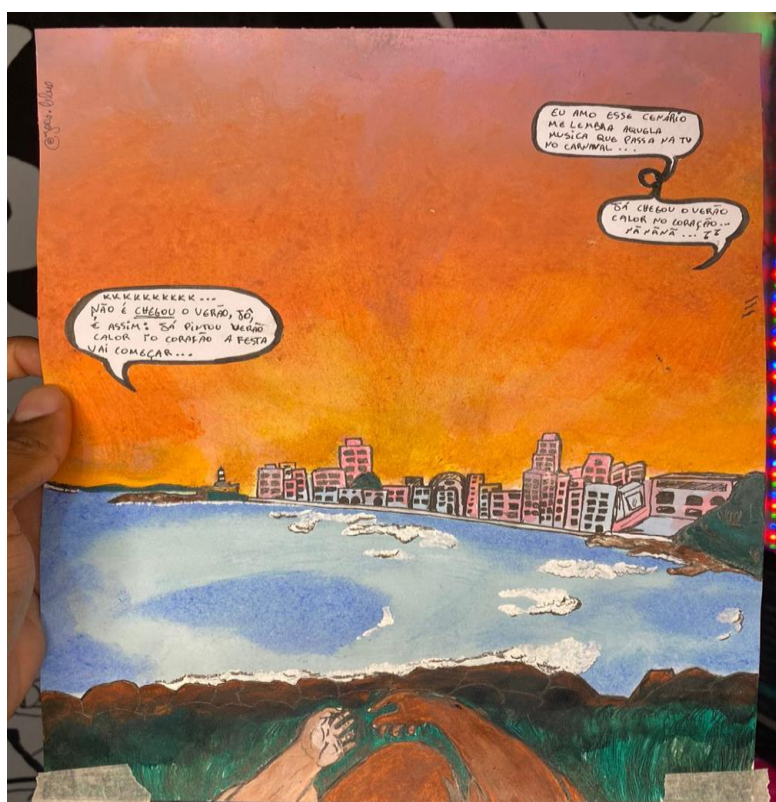
LÁGRIMAS DE WILLOW



Essa tela na verdade foi inspirada na capa de um álbum da cantora Willow Smith, de nome < copingmechanism >. O álbum, que contém faixas extremamente sentimentais e melódicas, era a única coisa musicalmente falando que eu consumia há um ano atrás. Na tela eu quis explorar a cor azul de modo a retratar um mundo caótico e confuso, de modo a externar de alguma forma todos os meus conflitos nesse mundo azul, profundo, frio e triste. Nessa tela, apesar da predominância da cor azul, as lágrimas na cor vermelha

convidam a atenção, pois, nesse contexto, representa o choro de libertação de sentimentos ruins, da libertação da alma do peso de experienciar e acessar as feridas internas, tentando encontrar a sua paz de espírito. Heller (2014. P,105) diz que: “*No acorde cromático vermelho-azul unem-se as forças do corpo e do espírito.*” O vermelho e o azul são cores que contém significados, na maioria das vezes, complementares. A depender do contexto, o vermelho pode estar ligado ao corpo, vitalidade e paixão; já o azul pode estar ligado ao espírito, calma e espiritualidade. E essa junção representa a harmonia interna e externa, físicas e espirituais de um ideal de humanidade. A impressão íntima que encontrei auxiliou-me a pensar nos personagens do filme. Acredito que as cores, consciente ou inconscientemente, provocam qualquer espectador aos seus lugares subjetivos.

O ULTIMO ENCONTRO



Embora, essa tela tenha sido originada inicialmente em um tempo anterior às conclusões deste trabalho, momento muito específico e vivo nas minhas lembranças, 31 de abril de 2022, a revivi e recriei pensando na leitura do filme. Essa era a visão originária que eu tinha do Cristo, na cidade de Salvador-Ba, a enxergar o Farol da Barra no entardecer. Eu sempre gostei do laranja do entardecer, um degradê lindo de rosa, vermelho, amarelo e

laranja, e nesse momento eu via a cidade toda em baixo desse céu nas cores rosa e azul, era como eu estava me sentindo no momento, rosa e azul, quase como Joel e Clem diante do mar. Heller (2014, p153) afirma que o amarelo é:

“A cor da recreação, da jovialidade e do otimismo (...) Para que o amarelo atue tão alegremente, ele precisa sempre da companhia do vermelho e do laranja. Amarelo-laranja-vermelho é o tríplice acorde típico do prazer e de tudo que o cerca: ele é o acorde da algria de viver, da atividade, da aenergia, da animação clamorosa.”

Já o laranja, que é a cor com mais energia e destaque na tela é uma cor que muitos subestimam, justamente por pensar nas cores vermelho e amarelo antes de pensarmos na cor laranja em si. No senso comum, o laranja remete literalmente ao nome da fruta ou vegetal (abóbora) a qual a cor foi associada, mas a sua simbologia pode conter inúmeros significados, como afirma Heller (2014, p.339): “ *A cor da diversão, da sociabilidade e do lúdico, esse é o lado mais forte do laranja (...) o laranja é a cor complementar do azul. Azul é a cor do espiritual, da reflexão e do silêncio, o seu polo oposto, o laranja, representa as qualidades opostas.* ”

“Naquele momento, eu via a cidade abaixo daquele céu nas cores azul e rosa” porque são cores de certa forma representavam a mistura de sentimentos em que estava, os borres na cor azul entre a cor rosa, me trazendo de volta para a realidade nua e crua, o rosa, segundo Heller (2014, p 404), é: “ *A cor do sentimentalismo e dos milagres (...) A fantasia é um estado em que as pessoas flutuam em nuvens cor-de-rosa e enxergam tudo através de “lentes rosadas”. O sétimo céu é rosa. Um mundo cor-de-rosa é bonito demais para ser verdadeiro.* ”

Em inglês, existe a expressão *rose-colored-glasses*, uma expressão do inglês britânico, que significa em tradução livre “óculos colorido de rosa”, o que remete a pessoas que enxergam a vida com otimismo, independente dos problemas e de como estão emocionalmente se sentindo. são pessoas que sempre veem o mundo cor de rosa, uma expressão muito utilizada em músicas para falar sobre como preferimos viver em um mundo de ilusão muitas das vezes estando em negação com a nossa realidade.

Bem, esses sentimentos, tão comuns, estão presentes, como apoio subjetivo, em diversas nossas leituras, cada um caminhando em seu arco-íris de modo próprio. Cada leitor/espectador é movidos pelas raízes de seus aprendizados. A leitura que entrego baseia-se no que o filme me entrega antes. Mas essa elitura também é uma confissão de

leitor/espectador. Assim, concluo que o jogo da memória acionado por Joel é um jogo comum a todo ser humano, que, em suas especificidades, escolhe o que lembrar. Portanto, escolhe também o que esquecer e se constitui.

Contextualizando a visão artística do autor deste escrito com a a pesquisa, a semiótica das cores, essas como elementos visuais narrativos em obra cinematográfica, **Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças**, traça aspectos emocionais na jornada de personagens através da colorimetria usada na caracterização visual da persona e no ambiente em que as cenas se passas, contextualizando como esses aspectos podem fazer com que o telespectador possa compreender de forma mais ampla a linguagem cinematográfica através das cores.

É importante frisar que as cores no cinema serão analisadas de maneira a considerá-las não apenas como algo complementar, para trazer mais vida as produções, mas como um signo que traz significados de forma indireta e subjetiva que podemos compreender como estão relacionadas diretamente com o estado de espírito que o personagem pode expressar.

Pensar sobre signos, nos remete aos estudos linguísticos de Saussure (2006), nos quais o mesmo reflete sobre o signo linguístico:



O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura:

Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. Quer busquemos o sentido da palavra(...) ou a palavra com que (...) designa o conceito (...).(Saussure, 2006. p.80)

Logo entendemos que significado (conceito) e significante (no caso, imagem acústica) atuam em conjunto e são dependentes, porém, arbitrários no sentido da subjetividade da psique de cada indivíduo e local. Contextualizando com as cores,

podemos exemplificar: quando pensamos em um sinal de perigo ou pare! (conceito), automaticamente a cor que vem à memória é a cor vermelha (imagem acústica). Mas arbitrária devido à subjetividade, e nisso nos evoca a cultura de cada local. Já quando pensamos em luto, a cor que predomina o senso comum dos brasileiros é o preto; há outros lugares, como a China, Japão e Índia, em que a cor predominante para o estado de espírito do luto, é a cor roxa.

Assim, compreender o fenômeno das cores relacionando-as com a paleta de tons predominantes na obra fílmica *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*, de Michel Gondry (2004), especialmente pensando os tons da personagem Clementine (Kate Winslet) e de acordo às que a personagem usa na sua caracterização, em paralelo à sensibilidade da personagem Joel (Jim Carey), revela como isso pode estar atrelado ao estado emocional de ambos os personagens no filme. Observando como as cores podem também ser um elemento-chave nas produções fílmicas, traçamos algumas reflexões que trazem suas perspectivas relacionando cores, cinema e linguagem, a fim de fortalecer mais os argumentos sobre como as cores podem ser usadas de forma conceitual não apenas em películas, mas até mesmo nos cartazes dessas produções audiovisuais e obras de artes visuais em geral. Entanto neste trabalho, enfatizamos o próprio filme.

Sousa (2016), em sua monografia de título **A cor como elemento narrativo – uma análise do filme “Um dia, um gato”**, obra fílmica do diretor Vojtech Jansy, se atenta ao aspecto das cores como uma narrativa nessa obra cinematográfica. Sousa faz uma contextualização geral de obras cinematográficas, desde o período do cinema mudo e preto branco, até a inserção de cores no cinema como uma forma de narrativa não-verbal, externando para os telespectadores a comunicação através das colorações nos filmes.

Sousa também traz conceitos importantes para a compreensão do que se pode ser interpretado com as cores sendo signos e cores como apenas cores, distinguindo, por exemplo, o que podemos interpretar como lúdico/sonhos/fantasias e cores em seus aspectos naturais/reais. Acredita-se que a partir desse estudo, que traz à luz a análise do filme “Um dia, um gato”, a cor no cinema pode ser vista como um dos elementos para a construção de narrativas, sublinhando as emoções e o estado psicológico dos personagens.

Já Nogueira (2017), em sua dissertação para o mestrado em design, de título “Cores, emoções e cartazes de cinema: um estudo de respostas emocionais às cores utilizando o Espaço Afetivo”, apresenta-nos uma nova perspectiva em função das cores em cartazes de filmes clássicos, alinhando o seu estudo sobre design/ psicologia das cores, seguindo-se ao design emocional. Em seu escrito, o autor tem como objetivo abordar a influência que as cores podem ter/causar na elicitação de emoções no público ao serem expostos, a fim de conter uma melhor compreensão da dimensão emocional nas cores em sua criação de mensagens imagéticas.

Por fim, Durski (2018), também destaca em sua pesquisa **Simbologia das cores no cinema: um estudo do filme Amores Imaginários**, filme do diretor e também ator Xavier Dolan (2010), as subjetividades das cores no universo cinematográfico. A pesquisadora faz uma análise detalhada de como nessa película as cores estavam diretamente ligadas não apenas à personalidade de cada personagem, mas como na construção da própria narrativa do filme há cenas que os três personagens principais estão em conjunto.

Considerando o exposto, as cores podem ser interpretadas como signos no campo do audiovisual e em aspectos diversos. Pensar a cor como uma realidade sensorial, como pensa em conformidade Farina (2011, p.85), desde montar um cartaz para um filme, até na sua produção final para as exposições, é algo que podemos considerar como um movimento importante, trazendo consigo não apenas a linguagem verbal que a história narra, mas também a sua linguagem verbo-visual imbricada na paleta de cores na construção de cenários e dos próprios personagens, no intuito de aproximar mais o público das sensações que a película quer transmitir.

2 POÉTICA: ALGUMAS VISÕES POSSÍVEIS

Embora as referências que sigam imediatamente a esse parágrafo, as de Emil Staiger e de Octavio Paz, sejam antigas e de certo modo relacionadas a um modo de ver canônico, há nessas visões oportunidades de repensar conceitos, afora o fato de suas provocações instigantes sobre as artes. Assim, há um diálogo com questões que a contemporaneidade ainda intenta pensar.

No livro: “Conceito Fundamentais da poética”, escrito pelo crítico literário suíço Emil Staiger (1908-1987), apresentam-se reflexões sobre os conceitos fundamentais para entender o que é a poética em termos pragmáticos. Staiger define a poética como uma disciplina que se preocupa em analisar e compreender as técnicas, formas, estruturas e significados que estão presentes nas obras literárias, principalmente na poesia.

Staiger apresenta uma série de conceitos fundamentais da poética, em termos técnicos, como: ritmo, metáfora, símbolo, métrica, estilo etc, explorando como esses elementos vão contribuir para a criação de significados na literatura, como os escritores podem utilizar desse processo para expressar as suas ideias e emoções de forma artística. Esse conceito de poética acaba por ser o estudo das técnicas literárias e dos elementos formais que tornam a poesia e a literatura uma forma de arte única (individual).

Já Octavio Paz (1914-1998), em seu ensaio “Signos em Rotação” compartilha suas reflexões sobre a poética, teorizando que o conceito vai além da escrita de poesias. Para Paz, a poética se estende para a maneira em que compreendemo o mundo, levando em consideração a linguagem e a natureza da criação artística. Argumenta o crítico que a natureza da linguagem e dos signos não são estáticos, e sim, mutáveis, pois estão sempre em movimento, em rotação, e o papel dos poetas é perceber essas mudanças e explorá-las, seguindo-se de uma linguagem que inova os seus significados, com um diferenciado olhar sobre a realidade.

A partir desses termos técnicos dialogados por Emil Staiger e da subjetividade tratada por Octavio Paz, alinhado com o objeto de estudo de partida, as cores, Aventamos uma compreensão do que seria a poética das cores no contexto presente, supondo uma intrigante dualidade entre presença e falta: a cor está em tudo que vemos e a falta dela também, pois não seria a falta de cor também uma cor?

As cores ou suas ausências nos remetem a sentimentos, a memórias, a aromas e a sensações. Ao olharmos as cores, observamos, interpretamos, sentimos emoções de maneira singular, lembramos, esquecemos, em que pese o olhar nem sempre ser o mesmo, pois estamos em constante evolução. Mas a cor está ligada ao ato do olhar. Essa ação pode gerar uma autorreflexão de quem somos, das nossas vivências, o que queremos ser e quem já fomos. E nesse momento entendemos que as lembranças se caracterizam como sentimentos, e as não lembranças também, sentimentos que acabam caindo no calabouço do esquecimento de nossa memória.

Uma poética das cores nesse sentido ganha forma pela memória e a sensação de contato (ou a experiência de falta) ao lembrar ou pensar em alguma situação passada, do presente ou futuro, quando nos envolvemos no campo da subjetividade dos sentimentos. Em exemplos práticos, seria questionar o porquê pensamos na cor a amarela quando evocamos a estação do ano intitulada verão, e como essa correlação entre a cor e a estação do ano nos remete a sensação de bem-estar e de felicidade.

Nesse sentindo, busca-se realizar não apenas uma análise sobre as cores e seus possíveis significados, e quando escolho a palavra *possíveis* sob essa perspectiva, é no sentindo de entender também que os significados são plurais, a depender do contexto cultural e das experiências de cada indivíduo e sua realidade. Para além das análises, também criar as minhas próprias lembranças partindo das cores analisadas no filme, de maneira *contracolonial*, conceito criado pelo pensador e quilombista Nego Bispo¹ e assim explicado pelo professor de Sociologia da UFRGS José Carlos Gomes dos Santos :

Se você foi colonizado e isso te incomoda, você vai precisar lutar para se descolonizar e descolonizar os seus. Isso é a função da decolonialidade. Eu sou quilombola, eu não fui colonizado. Porque, se eu tivesse sido colonizado, eu seria um negro incluído na sociedade brasileira. Então, no meu caso, eu tenho que contracolônizar – contrariar o colonialismo. (...) O colonialismo está aí vivente, cada vez mais sofisticado. (INSTITUTO CLARO EDUCAÇÃO, 2023)

O conceito de *contracolônialidadá* esta relacionado à resistência ativa e à oposição às práticas coloniais, incluindo a resistência cultural, política e econômica, visando a liberdade das influências coloniais construindo alternativas por meio de desafios que desestremem as estruturas impostas pelo colonialismo. É um conceito que vem das ruas, dos espaços de resistências, dos quilombos, não sendo em si uma invenção acadêmica, mas que suplanta conceitos que se tornaram acadêmicos, embora não tenham sido formulações de pesquisadores, como *descolonial* e decolonial. Sob a perspectiva aqui assumida, o conceito de Nego Bispo se enquadra no sentido de existir variadas formas de arte, descentralizando a visão eurocêntrica e as dinâmicas gerais

¹Antônio Bispo dos Santos nasceu em 1959 no vale do Rio Berleugas, Piauí. Lavrador, formou-se com os saberes de mestras e mestres do quilombo Saco Curtume, no município de São João do Piauí. Lavrador, poeta, escritor, professor, ativista político. Militante do movimento social quilombola e de direitos pelo uso da terra. Autor, dentre outros livros, de Colonização, Quilombos, Modos e Significados. INCT, Brasília, 2015.

colonialistas, abrindo espaços para novas narrativas, ressignificando também os conceitos de cores nas obras produzidas.

A proposta deste estudo é assumir na prática o contracolonialismo, discutindo os sentidos das cores no objeto estudado, mas autonomamente também reinterpretando-os a partir de outras sensibilidades. No caso, apresento ao final, sentimentos poéticos instaurados por cenas dos filmes, traduzidos também pela linguagem visual.

Nesta pesquisa, serão analisados os aspectos semióticos que as cores podem atribuir na construção da personalidade dos personagens Clementine e Joel, do filme **Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças** (2004), e que podem ser analisadas, como também o ambiente em que a cena se passa, observando-se a paleta de cores predominante durante os *frames* correlacionando a perspectiva do personagem em análise.

A pesquisa ganha sentidos a partir da questão: Como é possível simbolizar sentimentos na obra fílmica *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças* por meio das cores destacadas nas lembranças do personagem Joel? A partir deste questionamento, a pesquisa se adentrou nos estudos direcionados à semiótica, que contribuem para o estudo de todas as linguagens (SANTAELLA,1983), e para a proposta de “psicologia das cores” (HELLE, 2014), investigando como as cores podem ganhar significados respondendo às emoções no contexto aos quais alguns personagens no mundo cinematográfico estão inseridos.

A partir desse movimento científico podemos observar como a linguagem não-verbal pode influenciar nessas narrativas entre os personagens, revelando de maneira implícita o estado emocional em que o personagem se encontra. Para isso, entender a função das cores no cinema e sua linguagem torna-se necessário para uma compreensão ampla da obra analisada, em função de teorizar como as cores podem representar as emoções em produções de audiovisual e também em outros gêneros textuais.

A justificativa desse estudo parte da curiosidade de como as cores podem contribuir para a narrativa de personagens cinematográficos expondo em cada cena as emoções através das cores e seus significados cognitivos e subjetivos. Partindo também do meu lugar de amante de obras audiovisuais, resolvi usar um dos filmes que tenho maior afago e admiração. E partindo também do lugar de artista visual e que tem na maior parte da vida a ligação direta com a colorimetria transferindo as emoções de

maneira decolonial (BLACK BRAZIL ART, 2022) que eu quero expor para o público. Para além disso, ampliar os conhecimentos sobre a semiose das cores através de filmes torna-se um movimento importante para a ação de desenvolver uma perspectiva mais crítica e analítica para o gênero.

O objetivo geral da minha pesquisa é de compreender como funciona a linguagem das cores em obras fílmicas, desenvolvendo uma analogia de como podem dialogar com as emoções na construção de narrativa dos personagens, conversando com um produto final em formato de um mini-portfolio, com 4 artes desenvolvidas relacionadas as memórias afetivas do artista em analogia as cores e emoções. Objetiva-se especificamente analisar a linguagem das cores no filme escolhido a fim de compreender como essa linguagem pode nos ajudar a entender o estado emocional em que o personagem pode estar e de examinar como as cores podem ter um importante papel na construção de narrativas cinematográficas a fim de uma compreensão ampla na complexidade de construção de personagens.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi necessário realizar leituras de teóricos que discutem cinema, cores e semiótica. Logo, Stam (2000) possibilita a compreensão da teoria do cinema desde sua origem, e como a linguagem do cinema se expandiu após o escrito de Lévi-Strauss sobre a semiótica no cinema. Melo e Melo (2015), por sua vez, identificam várias conceituações sobre o que é a semiótica, apoiando-se nos pressupostos de Peirce (2000) e Santaella (2005). Ramos (2014) e Heller (2014) trazem a função de interpretação das cores tanto no cinema, quanto em outros suportes textuais, através da psicologia das cores, aspecto este, que será relevante para as analogias futuras dentro da pesquisa.

Stam (2000), em “Introdução à Teoria do Cinema”, foi um pilar essencial para compreender um pouco sobre os estudos teóricos cinematográfico desde os anos 50, com um pequeno grupo de críticos franceses nacionalistas que fundaram o movimento de autorismo. O autor também aborda os fundamentos da linguagem cinematográfica passando das teorias clássicas para a semiologia do cinema que se segue a transformar as instituições culturais na França, e também a expansão da interdisciplinaridade no ensino superior para novas formas de investigações.

Para Stam, foi nos anos 60 e 70 que ocorreu o “imperialismo” semiótico após a estreia da obra de Lévi-Strauss, pois o objeto de pesquisa semiótica pode ser tudo e

qualquer coisa que venha a ter sentidos e significados, tudo que for passível de formulação de sistema de signos organizados, ou com códigos culturais. O escrito de Robert Stam é pertinente na pesquisa como base para discorrer sobre futuras teorias do cinema e a semiótica dentro desse gênero.

Melo e Melo (2014), ao escreverem “Uma Introdução a Semiótica Peirceana”, buscam explicar como podemos entender melhor o que é a semiótica, o que ela estuda e como estuda, qual sua origem e fundamentos segundo os pensamentos de Peirce. O livro trabalha também com conceitos definidos por Santaella (2005) sobre o que é a semiótica para Peirce, explicando também a seu ponto de vista das conceitualizações feitas sobre os estudos semióticos.

A semiótica, de acordo com Lúcia Santella e outros teóricos, é o estudo dos signos e da linguagem em seus sentidos mais abrangentes, explorando como os seres humanos percebem, interpretam e comunicam informações por meio de diferentes sistemas de signos e símbolos, desempenhando um papel importante na compreensão cultural, comunicacional, da linguagem, da arte e outros aspectos da vida.

É de suma importância compreender o que é a semiótica e como ela pode atuar em áreas diversas, uma vez que, a semiótica emprega significado e sentido para tudo que pode ser entendido como uma forma de linguagem (cores, sons, olfato, sinais, etc) a depender de como cada signo se porta em determinados contextos, podendo, assim, ter mais de uma interpretação, como no caso das cores nos filmes que podem ter uma ambiguidade em seu significado a depender dos variados contextos e ambientes na construção de uma cena por exemplo.

Para apresentar o significado de maneira coerente relacionando as emoções através das cores, Ramos (2014), na sua dissertação “O Significado da Cor no Cinema”, realiza uma analogia direta do filme “o ventre” correlacionando as paletas de cores no ambiente e na caracterização visual dos personagens com suas respectivas personalidades e humor, o autor abordar diretamente em seu escrito como a manifestação das cores enriquece a narrativa dos filmes.

Complementando a teoria do significado das cores no cinema, Heller (2014), em seu livro “A Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão”, norteia os sentidos das cores enquanto influenciadoras diretas do estado de espírito (sentimentos e

qualidades) no nosso cognitivo, uma vez que cada cor carrega consigo, uma carga emocional que o receptor costuma captar e corresponder.

Tanto Ramos quanto Heller são bases fundamentais para a realização dessa pesquisa, uma vez que o intuito da pesquisa é de analisar a cor como um instrumento da construção narrativa no desenvolvimento de personagens no cinema, expondo não só a sua personalidade, mas também o seu estado de espírito e suas emoções, a fim de buscar as possibilidades de conhecer e compreender como as cores podem representá-las.

Todos os teóricos citados anteriormente são de relevância para a construção desta pesquisa que propomos, pois eles ajudaram a compreender os conceitos necessários para o desenvolvimento das futuras análises em obras cinematográficas, como também entender como podemos realizar as análises semióticas relacionadas às cores nessas obras e como elas podem estar representando de maneira não-verbal os sentimentos na construção da narrativa dos personagens do filme *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*.

As cores são elementos que estiveram sempre presentes em nossa volta, servem não só para dar vida às coisas, mas também para dar significados, expressar personalidades, ideias, e as emoções; logo, são componentes importantes tanto fisicamente quanto psicologicamente. E se a cor é um elemento que diz muito sobre nosso estado de espírito e personalidade, no mundo cinematográfico ela tem a mesma função na caracterização de personagens e cenários, passando para nós, público, o que essas personas expressam implicitamente, ou, fazendo com que sensações de medo, frio, alerta, sejam transportados para o público a partir da atmosfera em que a cena se passa.

Observar como as cores se portam diante dessa construção de personalidade, estado de espírito e até mesmo na própria ambientação em uma obra fílmica, pode ser uma ação que possibilite uma compreensão mais ampla da película escolhida, e também, entender um pouco sobre como podemos compreender a linguagem das cores no cinema, através dos conceitos da semiótica, como tratada por Santaella (2005).

É preciso reafirmar que esta pesquisa adotou abordagem qualitativa, visando analisar e compreender subjetivamente uma obra fílmica já lançada e dirimir os procedimentos internos do roteiro (SILVEIRA, 2011). A pesquisa também se preocupa com a análise de conteúdo, que segundo APPOLINÁRIO (2011) é um procedimento denominado dessa maneira pela sua finalidade básica de buscar significados de materiais

textuais, sejam artigos, revistas, prontuários de pacientes etc, que podem ser realizadas com sujeitos, individual ou coletivamente, seguindo-se à interpretação de categorias que surgem do material pesquisado. Pauta-se como pesquisa bibliográfica-documental, pois carrega sentido interdisciplinar – por vias semióticas – de modo intenso, a respeito de linguagens e do conceito de poética, e de certo modo também incluindo textos audiovisuais do filme em foco. A modalidade de estudo e análise de documentos partiu da base de fontes secundárias como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, artigos científicos etc. Documental (SILVA, ALMEIDA & GUINDANI, 2009), pois se propôs investigar informações em documentos que não receberam ainda tratamento científico, como jornais, gravações, fotografias e como, nesse caso, em obra fílmica. Insistimos que a metodologia de análise implícita em SANTAELLA (1983) e STAIGER (1977) aqui também é primordial.

As etapas previstas para o desenvolvimento da pesquisa tendo como base os objetivos específicos para construção, se nortearam inicialmente revisão de literatura. Essa etapa primeira estabeleceu um elo direto entre um pressuposto teórico e outro para compreendermos mais o objeto de pesquisa e sua temática. Para isso, foram selecionados alguns artigos, teses, livros disponibilizados em bibliotecas acadêmicas e sites científicos a discorrer sobre a correlação entre as cores no cinema, as cores como uma categoria de linguagem e a psicologia das cores. Todos os materiais encontrados foram devidamente fichados e tratados de modo a contextualizar o nosso objeto de pesquisa. A partir do levantamento de dados realizados após leitura dos pressupostos teóricos foi possível nos assegurar em três categorias conceituais, respectivamente: A história do cinema e a inserção de cores, epistemologia das cores e Semiótica e suas conceitualizações.

A segunda etapa da realização da pesquisa foi o momento de apreciação da obra fílmica escolhida, a fim de observar os frames que foram destacados, analisados e interpretados, seguindo-se de uma análise descritiva para desenvolver analogias, que pudessem ser relacionadas às hipóteses dos pressupostos teóricos, fazendo dialogar as análises desenvolvidas com os embasamentos teóricos, o que resultou na produção final de um portfólio com um total de 4 artes desenvolvidas focando em memórias e subjetividades que as cores proporcionam. É preciso salientar que o portfólio aqui é encarado como mais uma seção interpretativa de cenas do filme, embora o tom seja artístico.

3 FRAIMES DA MEMÓRIA: UM FILME DAS LEMBRANÇAS E DO... E DO...ESQUECIMENTO

Como mencionado anteriormente, a pesquisa utiliza o filme “Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças” (2004), uma produção de Michael Gondry, como parte do corpo da pesquisa para teorizar sobre a linguagem das cores em obras cinematográficas. O filme narra a história de Joel e Clementine, um casal comum com seus momentos de amores e tensões. Isto até o momento em que Clem², personagem interpretada pela Katy Winslet, cansada e entediada de viver ao lado do seu parceiro atual, em uma atitude de vingança por ele tê-la ofendido ao dizer que “ela dorme com o primeiro que aparecer em sua frente” em uma de seus desentendimentos, decide apagar Joel, personagem interpretado por Jim Carrey, de sua mente através de um procedimento muito semelhante a lobotomia, com uma tecnologia mais avançada. Antes mesmo da remoção de memórias específicas dos pacientes, grava-se em uma mix tape os depoimentos do motivo do apagamento daquelas memórias arquivadas. Em contrapartida, Joel decide apagar Clem para se vingar na mesma moeda. Ele decide apagar Clem de suas memórias, mas, no decorrer do procedimento, decide que não quer mais apagá-la de sua vida. O filme tem duração de 1h e 48min. Com o elenco contando com nomes como Kirsten Dust, Mark Ruffalo e Tom Wilkinson.

Pelo modo em que a história é narrada, por sucessivos *frames* de supostas vivências, modo que afeta a própria percepção de memória do espectador, em alguns momentos dando-lhe a impressão de que os acontecimentos estão fora do lugar, é possível observar que as cores influenciam bastante essa impressão e revelam muito sobre o momento que o casal Joel e Clem estão vivendo. Para além do que estão vivendo, revelam muito sobre a personalidade e individualidade de ambos os personagens, possibilitando assim, separar a obra em 4 fases, relacionadas ao relacionamento desses personagens e, em simultâneo, indicando o tempo em que estão explicando suas emoções instantâneas, assim, tendo uma ampla compreensão da obra selecionada a partir de análises científicas, observando as nuances que não foram

² Utilizaremos o epíteto “Clem” para nos referirmos a Clementine, tal e qual o faz o personagem Joel, considerando que é de “Clem” que ele irá tratar (e por conseguinte também o analista) em suas memórias.

verbalizadas na obra. Essas análises também podem se estender para outras produções fílmicas, certamente, a partir dos pressupostos de Heller (2014), que discute profundamente sobre como as cores podem ser usadas propositalmente em variados tipos de produtos e produções, de Kandinsky (2015) e aborda como a teoria da arte tem influenciado o entendimento sobre a ação de estabelecer uma conexão entre a espiritualidade e arte de forma abstrata, e de Santaella (1983), que, como já foi salientado, opera com as linguagens pelo filtro da semiótica. Talvez o que segue seja uma possível análise.

A partir dos dados coletados, passamos a realizar as análises dos dados encontrados por meio das configurações dos estudos da poética e suas expressões por meio de imagens, signos, sinestésias, as cores ou a ausência delas representando visualmente, ou em associações a possíveis sentimentos ou comportamento dos personagens e cenários da obra.

Para tanto, fez-se necessário um levantamento bibliográfico sobre psicologia das cores, cores e seus significados, a fim de criar hipóteses correlacionando com as cenas escolhidas do filme, conversando com as teorias de Heller (2014), Kandinsky (2015) e Santaella (2005) e (Satiger (1977)), durante o processo de desvendamento da obra utilizando pressupostos teóricos.

FASE 1 – Clementine e o Ruína Azul (*Blue Ruin*)

O primeiro frame do filme nos mostra o primeiro contato entre Joel e Clem num vagão de metrô como se eles estivessem se conhecendo a primeira vez. No primeiro diálogo entre os dois personagens, Clem diz para Joel que muda constantemente a cor do cabelo, e que acha algo extraordinário quem trabalha escolhendo os nomes para as tintas de cabelo, mencionando: ruína azul, revolução verde, ameaça vermelha, febre amarela e agente laranja, cores que fazem parte da narrativa da personagem no filme, exceto a cor febre amarela. Clem, com personalidade forte e expressiva, possui seus cabelos tingidos de azul na primeira fase do filme.

FÍGURA 1– Clem após observar Joel na estação de trem, e ao entrar no vagão tem seu primeiro contato com o personagem



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 00:07:47

No decorrer da primeira parte do filme, Clem, com seu cabelo Azul e com raiz um tanto grande, nos mostra o processo que a personagem está experimentando, correspondente a um sentimento de tristeza, ou até mesmo desestabilização emocional, no momento em que conhece (sem reconhecer) novamente o Joel. E o azul em seus cabelos nos remete ao sentimentos de tristeza e introspecção.

Heller (2014,p.14) diz que o azul é a “*cor da simpatia, da harmonia e da fidelidade, apesar de ser fria e distante.*” Essa associação do azul com esses sentimentos acontece devido a grande escala do tom azul que vemos em nosso cotidiano em dias leves, com uma imensidão que representa a infinitude do céu e do mar, que nos dá essa sensação de estar conectado com o divino, a harmonia, espiritualidade e emoção.

A fase ruína azul nos mostra justamente essa frieza no tempo que compõem o cenário desse *frame*: é inverno, a estação do ano que geralmente deixa os sujeitos mais introspectivos e a sensação de distância e solidão paira na atmosfera. Por outro lado, existe uma harmonia no o primeiro diálogo entre Clem e Joel, quando podemos perceber um jogo entre os múltiplos significados da cor azul nas entrelinhas da conversa. Para isso, temos que entender um pouco sobre a expressão idiomática em inglês “*Feeling Blue*”, ligada ao sentimento de estar triste ou melancólico. Como podemos ver a seguir:

A palavra "blue" está ligada com o sentimento de melancolia, tristeza. A origem da atribuição desse significado à cor azul não é clara; mas faz parte do senso comum que é uma cor que acalma e, em excesso, transmite a ideia de melancolia (...) Uma possível origem dessa expressão vem das tradições náuticas antigas. Isso porque era comum o uso de bandeiras na cor azul nos navios em seu retorno para o porto de origem quando o capitão ou um dos oficiais havia morrido durante aquela viagem. (ONLINE, P.01)

Logo, é possível ter uma noção mais a frente de como a personagem Clem, naquele inverno de 2004, estava sentido-se no momento em que teve seu primeiro contato com Joel após o processo de tê-lo apagado de suas lembranças. É perceptível a todo momento a Clem um tanto confusa, desesperada e com uma profunda tristeza sem saber exatamente o porquê. E o cabelo de tom azul na personagem nos dá indício do seu estado emocional no momento, condizendo com a expressão *feeling blue*.

A instabilidade da relação também desestabiliza Clem. Não mais sabemos com certeza em qual fase temporal se encontram, pois a relação dos dois parece sempre fragmentada e essa impressão atinge também o espectador. Em algum momento, Clem envolveu-se amorosamente com Patrick. Intuímos quando, mas a certeza é tênue.

FÍGURA 2 – Clem emocionalmente instável com o namorado atual Patrick.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:38:42

Clem se sentindo confusa, na cena as emoções que ficam claras são de tristeza, angústia, uma completa instabilidade emocional, devido a Patrick, seu novo namorado, tentar acalmá-la. Patrick, na verdade, participou do processo de apagamento de

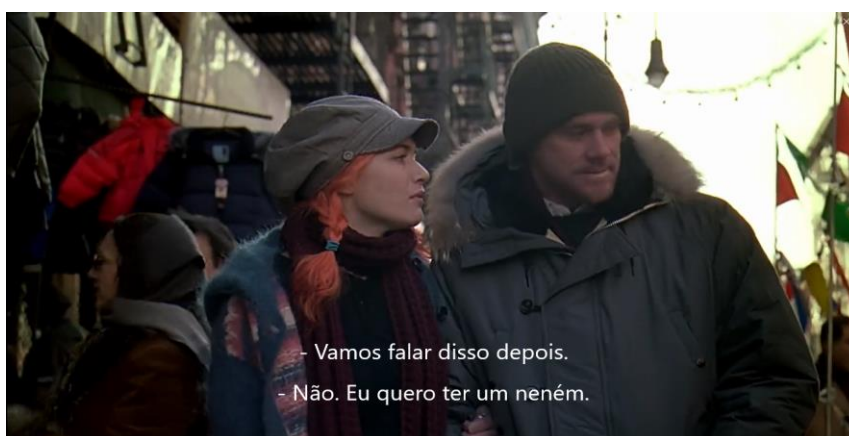
memórias da Clem e do Joel e, aproveitando-se da confusão de Clem, fez de tudo para conquistá-la, com todo o acervo de informações que tinha sobre ela. A fragmentação de memórias e sentimentos alcança um auge. O agente laranja é deveras desestabilizador.

FASE 2 – O agente Laranja (*agent orange*)

A relação de Joel e Clem: temos a fase em que o casal está em uma linha tênue entre harmonia e descontentamento ao mesmo tempo, onde ambos sentem-se mais supostamente centrados e seguros para expressarem os sentimentos “bons e ruins” que compõem uma relação. Vale destacar que o nome da tinta “*Agent Orange*”, nos remete também ao fato catastrófico da década de 60, no Vietnã, em que as Forças Armadas dos Estados Unidos lançaram aviões com agrotóxicos sobre a população vietnamita.

Em um dos frames da fase laranja, Clem conta para Joel o seu desejo de ser mãe [FÍGURA2], algo com que Joel não concorda, o que resulta em um desentendimento entre os dois.

FIGURA 3 – Clem e Joel passeando no centro da cidade discutindo sobre as possibilidades de terem um filho.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 00:42:12

Eva Heller, em seu livro a psicologia das cores (2014), vai nos dizer que o laranja é considerada uma cor exótica, mas que em algumas culturas pode carregar o significado da fertilidade:

Dioniso – os romanos chamam-no Baco – é o deus da fertilidade, da embriaguez e do vinho, em suma: o deus dos prazeres mundanos. A cor das vestes de Dioniso é laranja. No culto a Baco não existiam sacerdotes, e sim sacerdotisas, as bacantes. Elas trajavam vestidos cor de laranja e coroas de folhas de videira, e celebravam, extasiadas pelo vinho, seu deus. (Heller, 2014, p.339)

Apesar do desejo da Clem ser ignorado por Joel, é notório como a correlação da cor laranja com o desejo de gerar uma vida por parte de Clem é expressa justamente nesse momento, em tensão, ela sendo retratada como uma mulher impulsiva, criativa, extrovertida, que se sente preparada para dar mais um passo na relação. Ao contrário do que vemos do Joel, um homem completamente introvertido, declarando-se totalmente despreparado para tanto.

Assim, mostra-se Clem um tanto insatisfeita com a relação, continuamente em novas cenas, e isso já rememorado nas memórias, que vão sendo apagadas, de Joel, em um jantar um tanto desconfortável para ambos. Clem se mostra incomodada com tudo que Joel fala e faz e Joel, sendo o narrador da história, nos dando uma breve informação ao ver a Clem consumindo algum tipo de cerveja, com a seguinte fala: “- *agora ela vai ficar bêbada e grossa*”. Clem em seguida acaba questionando seu parceiro sobre ele deixar cabelos no sabonete, e o Joel, que já tinha vivido aquele momento antes, e agora revivendo em suas lembranças, antes de ser apagada, acaba evitando uma possível briga, concordando e reafirmando ser algo nojento, a ressaltar, entanto, alguma maturidade do casal em estar falando abertamente sobre as coisas que os deixam desconfortáveis. É preciso não perder de vista, contudo, que o narrador é um narrador semi-desmemoriado. Além disso, tal e qual em Dom Casmurro, de Machado de Assis, as memórias que restam nos são apresentadas apenas através de uma visão do passado. Só conhecemos, e em parte, apenas as memórias de Joe.

FÍGURA 4 – Clem, semblante apático e infeliz em discussão com Joel em restaurante chinês.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 00:46:41

Kandisky (2015 .p.99), argumenta que o laranja é “como um homem seguro de sua força e que dá uma impressão de saúde. Soa como o sino do *angelus*, tem a força de uma poderosa voz de contralto.” Esse contraste bem delineado nessa fase nos dá indícios de que existe realmente uma maturidade pairando entre o casal em meio a tantos momentos turbulentos.

Nessa fase podemos ver o quão poderosa a personagem Clem é retratada pelo próprio Joe, que, ao contrário, está sempre introspectivo e fugindo de alguns assuntos com a sua parceira. Clem é apresentada pelo seu lado divertido, forte e comunicativo, em alguns momentos angustiada e apática, explicitando todos os seus sentimentos verbalmente para Joel, por meio de suas atitudes impulsivas na tentativa de mostrar a ele o quão infeliz ela estava naquele momento. Lembrando que, na fase *Agent Orange*, Clem rompe seu relacionamento com Joel e decide apagá-lo de sua mente, nos remetendo a essa força e voz poderosa destacada por Kandinsky.

FASE 3 – A ameaça vermelha (Red Menace)

Quando Joel se encontra fisicamente imóvel, mas consciente de estar no meio do processo de apagar a Clem de suas memórias, ele se arrepende e se dá conta de que ainda a ama. Assim, tenta por diversas vezes acordar do transe que foi induzido e fugir para os lugares mais obscuro de sua infância (FIGURA 5).

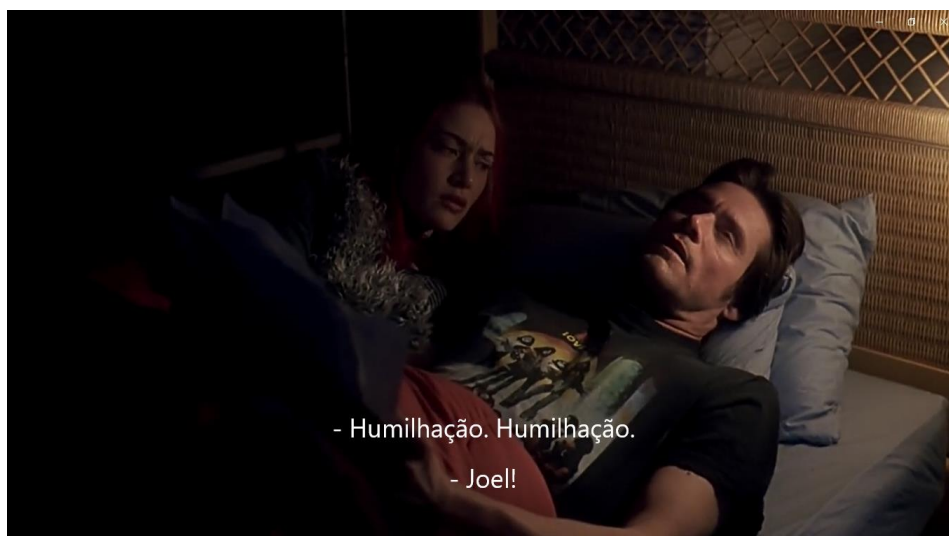
FIGURA 5 – Joel e Clem em uma das poucas lembranças de sua infância, nesse momento Joel volta a agir como uma criança devido a estar revivendo os momentos junto a sua mãe.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:08:14

Do mesmo modo ocorrerá em imagens que remontam à sua adolescência (FIGURA 6, a seguir), sempre em uma débil tentativa de esconder-se, esconder Clem e esconder quem puder nas suas memórias mais profundas a fim de romper o procedimento. Em mais de um momento a mãe aparecerá, porém enquanto uma sombra, sem nitidez ou com apenas um pedaço de seu corpo aparente. É o que ocorre na imagem em questão, quando somente uma parte do braço da mãe aparece.

Fígura 6 - Joel leva Clem para um momento em que se sente envergonhado por sua mãe entrar no quarto de surpresa, enquanto ele estava (na lembrança) em um momento íntimo.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:11:28

Aqui já ultrapassamos o ápice da relação dos personagens, em que as memórias do Joel nos levam a visualizar os momentos mais íntimos do casal, as brincadeiras, as piadas internas, tudo com muita harmonia e paixão. Clem, que agora, mesmo imersa nas lembranças semi-apagadas do Joel, parece tomar consciência do que está acontecendo e decide ajudá-lo a interromper o processo, como se essa personificação dela mesma naquele momento representasse todo o amor dele.

Os tons vermelhos do cabelo da Clem, e essa volta às lembranças vivas da infância do Joel é algo muito sutil na narrativa. Embora o vermelho seja sempre comumente relacionado ao ódio ou ao amor, Heller, ao tratar da psicologia das cores, nos diz que:

O vermelho é supostamente também a primeira cor que os bebês enxergam. E quando se pede a eles que digam, espontaneamente, o nome de uma cor, a maioria deles diz “vermelho” (...)... também, em sua maioria, acabam citando essa cor como a sua favorita. (...) é fato que as crianças citam espontaneamente o vermelho como cor predileta (...)” (Heller, 2014. p.101)

Não é apenas explorar demais uma coincidência correlacionar a fase do relacionamento da Clem e do Joel naquele momento à cor vermelha, sendo esta, segundo vemos em Heller, a primeira cor em destaque para os bebês e sendo a cor predileta da maioria das crianças, pois remete a sabores que geralmente são doces, tais como em: balas, chicletes, pirlulitos, maçã do amor etc.

Clem e Joel dividem o banho no fotograma citado em uma versão das memórias do Joel que não se encontravam no trajeto do mapa mental dele durante o procedimento de apagar as memórias. A imagem contém além dos personagens Clem e Joel, como vimos, a mãe do Joel, que só nos é mostrada em outras cenas do pescoço pra baixo, ou de costas, nunca revelando seu rosto, dando indícios de que essas memórias são muito antigas, e o personagem não consegue identificar com clareza os detalhes em sua volta.

Apesar da cor vermelha, a ameaça citada no filme antecede a fase do agente laranja, como em transição, pois vermelho é um momento muito íntimo do casal, que está alcançando o ápice como jovens experienciando o mais puro e singelo amor. Heller (2014, p. 103) pensa a cor vermelha como a cor da felicidade e do perigo. Mas também pensa a cor como: “... a cor de todas as paixões, boas e as más. Por detrás do simbolismo está a experiência: o sangue se altera, sobe à cabeça e o rosto fica vermelho, de constrangimento ou por paixão, ou ambas as coisas simultaneamente.”

E é a paixão de ponta à cabeça que vemos justamente na fase dos cabelos vermelhos da Clem, assim como em toda a composição da iluminação: tons de vermelho (FÍGURA- 7). Essa acentuação estará indicando a dualidade do significado da cor vermelha, como um alerta sobre o que viria mais à frente.

FIGURA – 7 Clem nas lembranças de Joel em uma biblioteca.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:22:31

Clem e Joel na biblioteca em uma das memórias mapeadas na cabeça do Joel. Nessa cena eles encenam um diálogo que já existiu anteriormente, Clem que usa seus cabelos no tom de vermelho é um ponto-chave na cena que também tem uma iluminação avermelhada.

O vermelho estará também em alguns elementos que compõem o cenário:

FIGURA-8 Lembranças do Joel sobre um desfile ao qual o casal foram ver juntos durante a fase vermelha.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:17:33

A imagem acima também é referente a mais uma lembrança do Joel, dessa vez o casal assiste a um desfile onde há centenas de pessoas em volta, na cena acima temos a figura de uma mulher que esta montada em cima de um elefante, a mulher esta usando um vestido longo na cor vermelha, que combina perfeitamente com um acessório que o elefante usa em sua cabeça, e também com a bandeira dos Estados Unidos com listras vermelhas. O vermelho também se realçará nas roupas e acessórios:

FIGURA 9 – Momento em que Joel esta tentando guardar uma das lembranças do casal, os cabelos e a calça da Clem de cores vermelha indicando a fase vermelha do casal.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:15:16

Essa imagem acima remete a outra lembrança de Joel, em que ele leva Clem para Montauk durante o inverno. Na imagem, ambos estão brincando na neve, que tem as cores brancas azuladas, o Joel usando roupas em tons neutro e Clem usando uma calça em tom vermelho, combinando com o seu tom de cabelo, dialogando perfeitamente com o momento em que os dois estão vivendo.

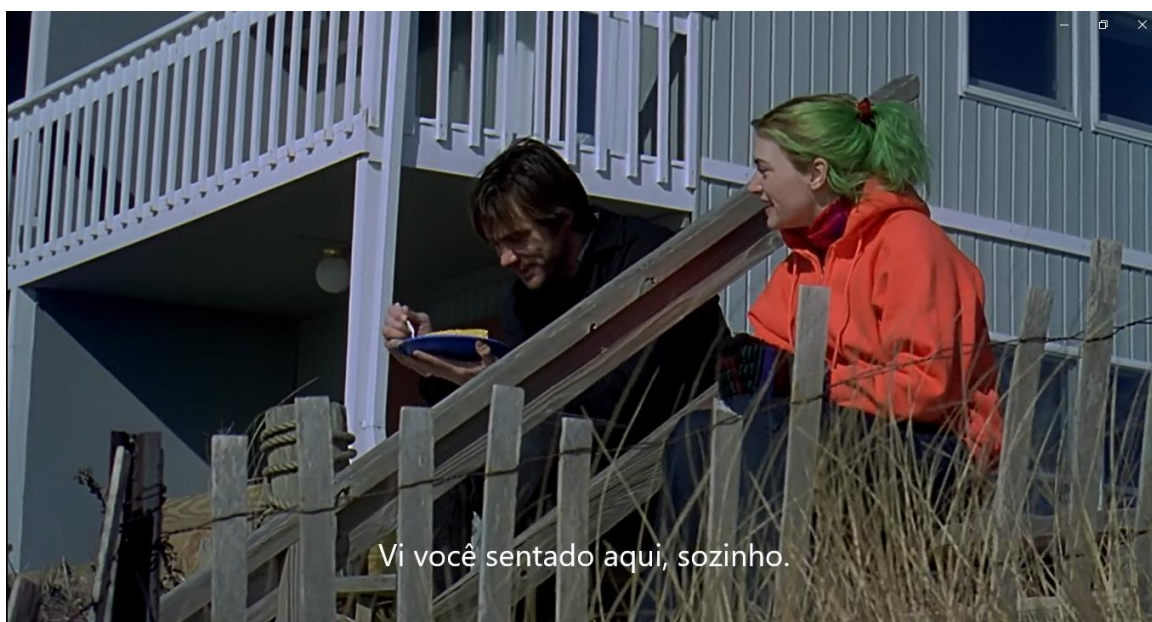
Fase 4 – A revolução Verde (*Green Revolution*)

De todos os momentos em que Joel compartilha suas memórias com os olhos do espectador, a fase da revolução verde é a que menos oferece sugestões, em contraste com as três fases apresentadas acima. Isto provavelmente ocorra porque o verde sugere uma placidez, mas não como sinônimo de junção ou separação do casal, mas de ser uma fase em que se encare os fatos e suas conclusões. Revivemos porém o momento exato em que eles se conhecem e tem os primeiros contatos, ressaltando o que iria nos guiar naquela relação até o momento exato em que ocorrem todas as situações mencionadas acima em cada fase. É preciso lembrar aqui que a impressão de quem acompanha a narrativa é de que tudo está em retroação ou, na pior das hipóteses, na ênfase desse retornar, em drástico retrocesso mesmo.

A cor verde nos cabelos de Clem nos revela uma outra informação bastante importante: eles se conhecem em Montauk (FIGURA 10. a seguir), na mesma praia em

que eles se encontram no começo do filme, mas em outra estação do ano: no início do filme era inverno, prenúncio talvez de dissabores, pois é uma estação do ano que o senso comum assinala como eivada de tristezas e recolhimentos. O primeiro contato do casal, entanto, foi no verão, estação que geralmente é associada alegria e a sensação de bem-estar.

Figura 10 – as últimas lembranças de Joel com Clem quando eles se conheceram na praia em Montauk



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:25:05

A cor verde possui vários significados, Heller, (2014. p.191) diz: “*o verde também simboliza uma cor mutável.*” E se nos atentarmos a esses significados que as cores podem carregar, já temos uma pista nítida de que a Clem é uma personagem instável, e vemos isso desfilando por toda a narrativa do filme, exposto não apenas pelas cores do cabelo, mas em todos os diálogos entre ela e o Joel. Kandisky (2015, p.93) corrobora com sua interpretação sobre a cor verde da seguinte forma:

O verde absoluto é a mais calma de todas as cores. Não é o foco de nenhum movimento. Não se faz acompanhar nem de alegria, nem de tristeza, nem de paixão. Nada pede, não lança qualquer apelo. Essa imobilidade é uma qualidade preciosa e sua ação é benéfica sobre os homens e sobre as almas que aspiram ao repouso.

Entendemos que a cor verde está associada a um tipo de neutralidade, que remete a paz e a serenidade, e que não tem nenhuma ligação com movimentos, servindo como uma metáfora para a estabilidade emocional e a paz de espírito, sendo, de forma implícita a legenda de paz para Joe no momento em que conheceu Clem.

FIGURA 11- Clem e Joel em seu primeiro contato em Montauk



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:25:36

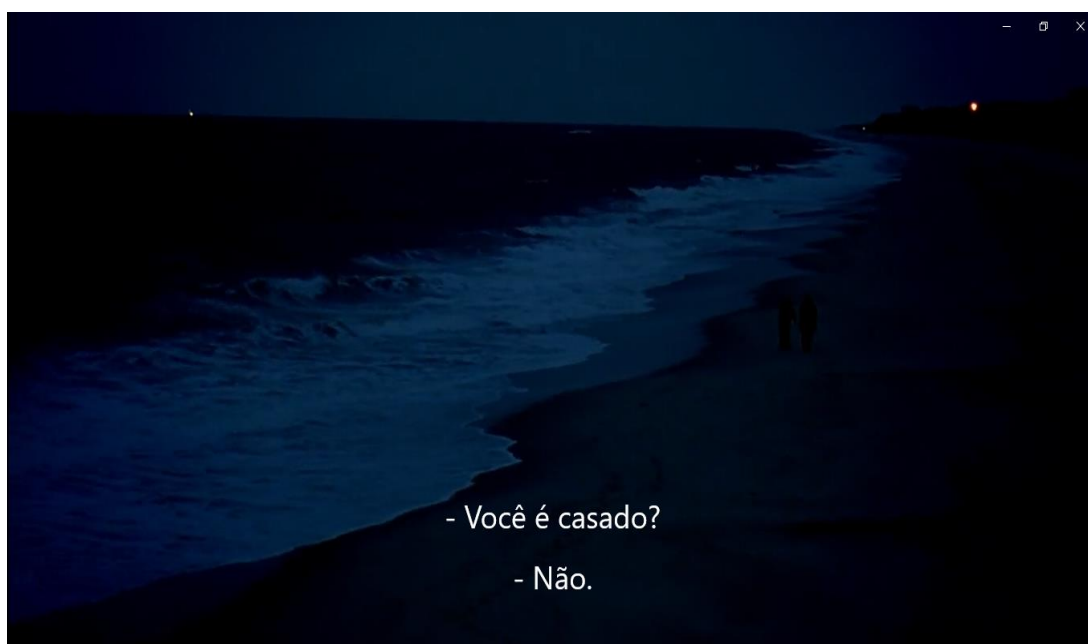
Ainda para Heller,(2014. p.200.), o verde é a cor da esperança:

A ideia de a esperança ser verde sobrevive porque está aparentada com a experiência da primavera. As analogias idiomáticas tornam isso visível: a esperança germina como a semente na primavera. A primavera significa renovação após um tempo de escassez. Também a esperança é um sentimento de que os tempos de privação estão ficando para trás. “ quanto mais duros os tempos, mais verde é a esperança”, diz o ditado (...)

Justamente no momento em que Joel estava superando uma outra relação amorosa com uma mulher chamada Naomi (FÍGURA – 14) e com a qual havia morado, mas que não aparece no filme, Clem surge, provocando seus sentimentos à sensação de esperança de ter encontrado uma nova paixão novamente. Porém, um aspecto interessante sobre o nome da cor dessa fase é que a “revolução verde” foi de fato um dos momentos de supostas transformações pelas quais o ocidente passou após a Segunda Guerra Mundial. Época em que houve melhorias nas produções agrícolas, o que aumentou o índice da produção dos alimentos, porém também com consequências

negativas, especialmente para pequenos produtores diante do crescimento descontrolado da indústria, entre as décadas de 60 e 70. Talvez a paz efetivamente tenha antecedido a guerra. A penumbra azul do mar, que o casal viu no primeiro encontro, já fosse quiçá o prenúncio de toda a relação.

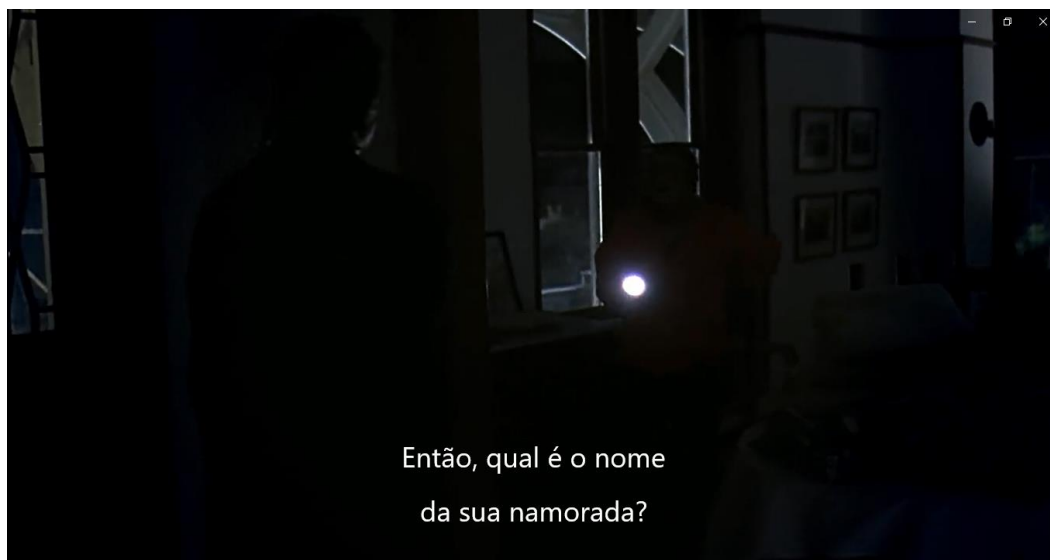
FIGURA 12 – As últimas lembranças de Joel do seu primeiro diálogo com Clem na praia em Montau



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:26:46

Ainda em suas memórias, Joel nos leva para os momentos finais da sua história com a Clem. Quer dizer, embora seja o final para nós, público, marca o ponto de partida para o casal, correspondente ao momento em que eles se conhecem. Na cena Clem é mostrada com os cabelos tingidos de verde perguntando para o Joel se ele é casado. O diálogo continua em meio a outras perguntas relacionadas.

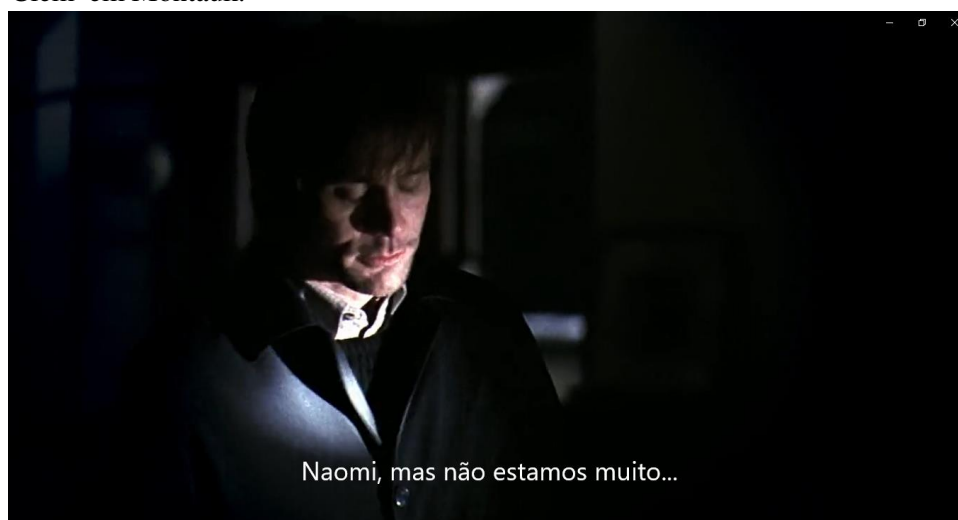
FIGURA 13 – As últimas lembranças de Joel do seu primeiro diálogo com Clem na praia em Montauk



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:27:48

Joel nega ser casado para Clem e, então, ela questiona qual é o nome de sua namorada, mostrando interesse em saber mais sobre ele. A cena que faz parte da conclusão do procedimento de apagamento de lembranças de Joel esta bastante escura, e tudo que vemos são flashes de lanternas e uma meia luz do luar sobre os dois dentro de uma casa.

FIGURA 14 – As últimas lembranças de Joel do primeiro encontro com Clem em Montauk.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:27:53

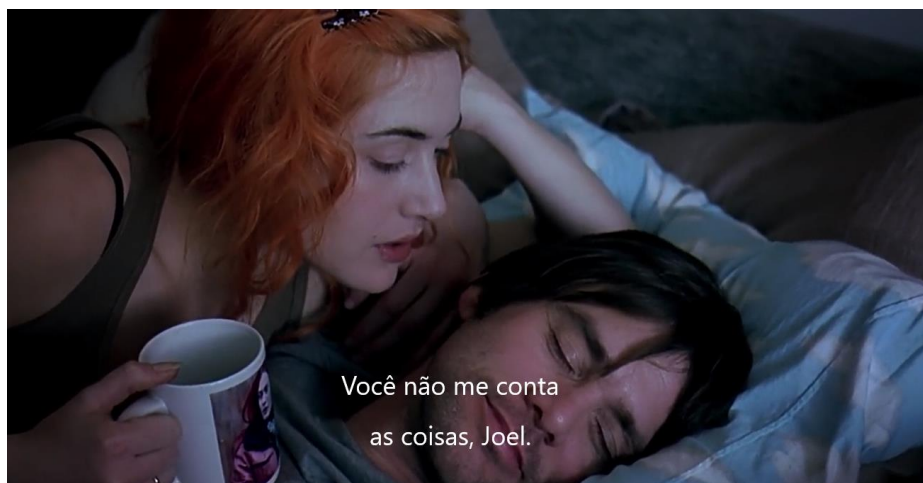
Joel explica a Clem que o nome da tal namorada é Naomi, mas que já não estão muito por perto, não afirmando se estão juntos ou não. Ao que tudo indica Joel está sozinho. Exatamente nesse ponto parece iniciar de verdade o entendimento com Clem.

Joel é o personagem central de toda a trama, não apenas pela história do filme nos ser contada pelo viés dele, mas porque todas as imagens que vemos durante todo o filme são as lembranças do próprio personagem (inventadas ou recriadas) sendo apagadas, o que permite ao espectador a desconfiança, devido ao próprio tomar consciência no meio do procedimento de apagamento das lembranças de Clem, e sempre havendo recortes específicos aos momentos com ela. Analisando o comportamento do Joel durante o filme, notamos que os tons de cores são sempre tons escuros como o verde, o preto e cinza, que são as cores que são predominante em suas vestimentas e até mesmo na maior parte das cenas em que o Joel estava sozinho no cenário. Kandinsky (2015, p.96), descreve o preto como:

Um “nada” sem possibilidades, como um “nada” morto após a morte do sol, como um silêncio eterno, sem futuro, sem esperança sequer de um futuro, ressoa interiormente o preto. (...) o preto é como uma fogueira extinta, consumida, que deixou de arder, imóvel e insensível como um cadáver sobre o qual tudo resvala e que mais nada afeta. É como o silêncio no qual tudo resvala e que mais nada afeta. É como o silêncio no qual o corpo entra após a morte, quando a vida consumiu-se até o fim.

A cor preta interpretada como um “nada” existencial sem possibilidades, sem vida, energia ou potencial, como se fosse a representação do fim de tudo, associada ao “silêncio eterno”, a sugerir um estado de repouso, estático sem mudanças ou evolução. E isso é perceptivo na personalidade do Joel, pois em todas as cenas o percebemos inerte em suas emoções, em suas atitudes com a Clem. Há mesmo uma cena em que Clem insiste para que Joel se expresse mais e ele se mostra totalmente apático e inerte.

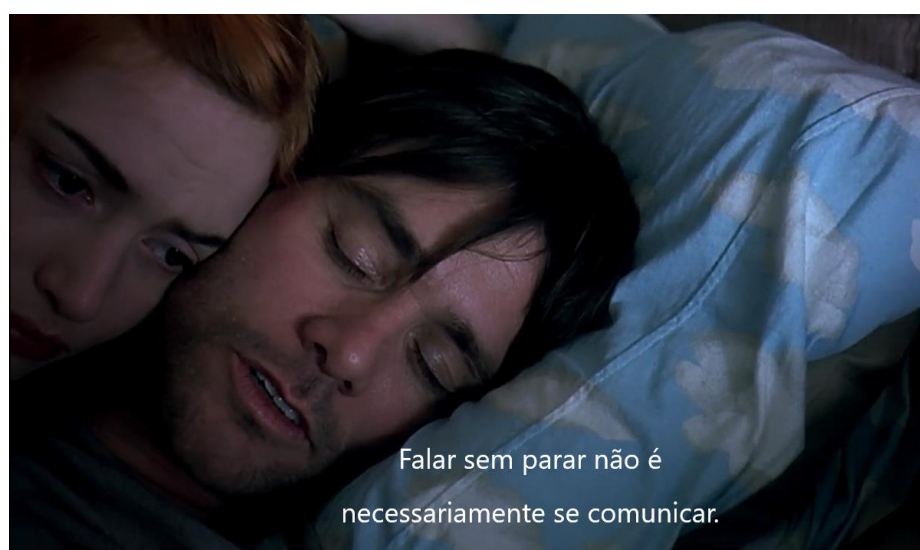
FIGURA 15 – Clem tenta se conectar mais emocionalmente com Joel, enquanto ele se mostra um tanto frio e distante.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 00:44:52

Na cena, o tom alaranjado nos cabelos de Clem nos indica que eles estão numa fase um pouco mais energética, a fase laranja em que o casal vive, marcada por muitos desentendimentos. Assim, Clem se mostra incomodada pela falta de diálogo entre os dois na relação. A imagem seguinte reforça a interpretação.

FÍGURA 15 – Clem tenta se conectar mais emocionalmente com Joel, enquanto ele se mostra um tanto frio e distante.

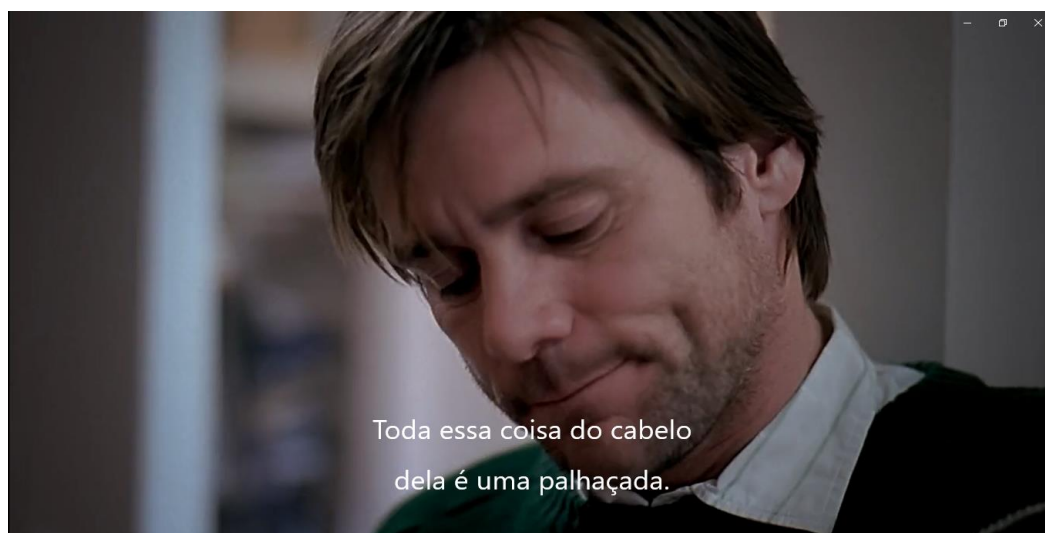


Fonte: imagem de Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças, 2004, 01:02:41

Na imagem acima, Joel mais uma vez se mostra apático e desinteressado em dialogar com Clem, um fator muito importante nessa fase em que predomina a cor laranja na vida do casal. Clem sempre se mostra disposta a se abrir com Joel, mas o personagem continua introvertido. A cor preta poderia ser relacionada a tal apatia, mas o preto também carrega outros sentidos subjetivos, que remontam a poéticas em significados não só fúnebres.

Heller (2014. p.238) afirma que “*a cor preta é a cor do fim e a cor que transforma o amor em ódio.*” E podemos perceber isso no momento exato em que estamos diante da decisão de Joel em apagar Clem de suas memórias como uma forma de vingança pela atitude da sua ex-namorada. E ao escutarmos no final do filme uma gravação, originária de uma mix-tape, o motivo que o levou a apagar Clem de suas memórias, notamos como o sentimento de raiva o dominou naquele instante.

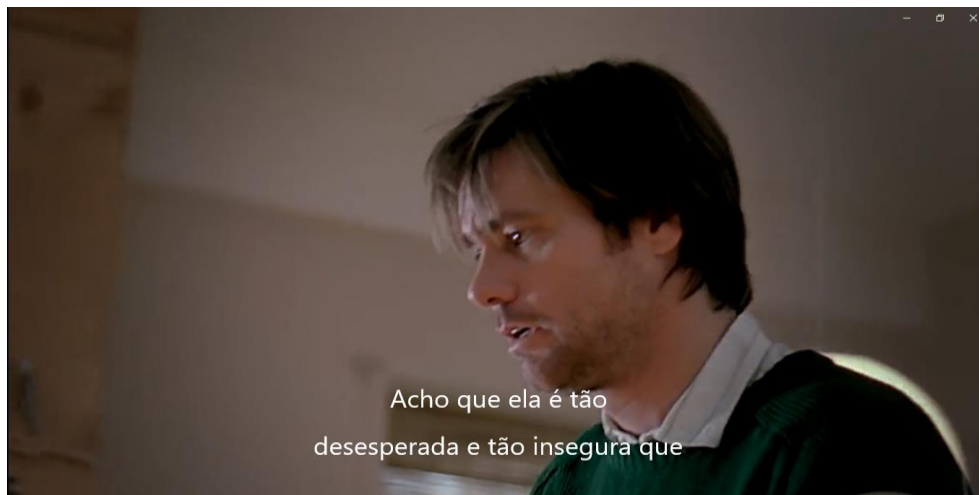
FIGURA 16 – Joel ouvindo a sua gravação em uma mix-tape explicando o porque estava apagando Clem de suas lembranças



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:40:46

Na imagem acima, Joel já acordado pós procedimento de apagamento de memórias e lembranças, ouvindo a sua fita com os motivos do processo de apagamento de Clem de sua mente. Na cena ouvimos Joel falando sobre o que ele acha do fato de Clem mudar constantemente a cor de seus cabelos. Na cena seguinte, ouve considerações sobre o que achava a respeito.

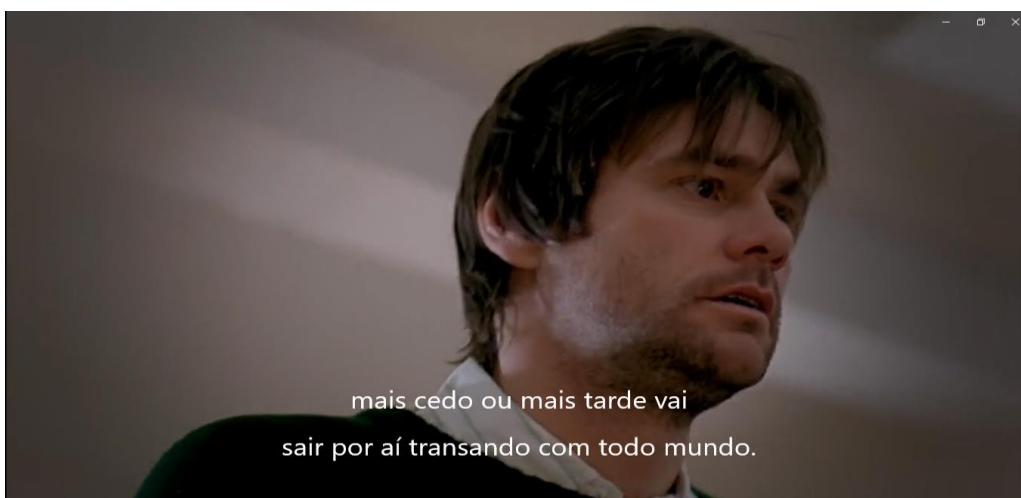
FIGURA 16 – Joel ouvindo a sua gravação em uma mix-tape e suas considerações conclusivas de o porquê apagou Clem de suas lembranças



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:41:18

Joel apresenta uma expressão de surpresa ao ouvir todas as coisas ditas em um momento tomado pelo impulso e raiva, que se encontrava em suas memórias. Como a memória se constitui de lembranças e esquecimentos, o Joel “atualizado” age como se outra pessoa fosse. Ainda há a suposição subjacente ao jogo paradoxal de não mais querer saber para poder viver em um corpo que no fundo lembra (LUCENA, 2022), ao alcance do espectador. Senão, por que gravar?

FIGURA 18 – Joel ouvindo a sua gravação em uma mix-tape explicando o porque estava apagando Clem de suas lembranças.



Fonte: imagem capturada do filme brilho eterno de uma mente sem lembranças, 2004, 01:41:32

Joel ainda se sentindo surpreso com as coisas que está ouvindo na gravação de seu depoimento antes do apagamento de memórias relacionadas a Clem, ouve um de mesmo pretérito que a Clem amaria qualquer um que aparecesse. Os tons nesse momento são mais sombrios, salientando-nos a escuridão de Joel. Ainda sobre as concepções do tom mais escuro, ou mesmo preto, transformar o amor em ódio, Heller (2014.p.238) suplementa que: *“O preto transforma todos os significados de todas as cores cromáticas em seu oposto negativo. (...) faz a diferença entre o bem e o mal.”* E é justamente o que vemos no decorrer do filme, essa dualidade entre Joel e Joel, Joel e Clem, sendo o sujeito em foco um personagem introspectivo, misterioso, confuso, em contraste com a impulsividade e extroversão da amada.

CONCLUSÃO: a lembrança nunca se conclui

Diante de todas as análises realizadas nas sessões anteriores, voltamos a nossa questão científica, pois, fez se necessária para a construção e desenvolvimento desse escrito: Como é possível simbolizar sentimentos na obra fílmica **Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças** por meio das cores destacadas nas lembranças do personagem Joel? E o que podemos ter aqui como resposta é que o filme conversa com a teoria no sentido de que as cores e seus conceitos expressam subjetividades. Também ajudamos a tentar compreender a psiquê humana, partindo da premissa que, enquanto espectadores, estamos vendo tudo o que a mente do Joel guardou de lembranças do seu relacionamento com a Clem. Portanto, estamos também com parte dessas memórias apagadas. Por outro lado, esse roteiro narrativo é reescrito por Joel mas também reescrito o tempo todo por nossas impressões. Todas as cores expostas podem ser uma reprodução não tão fiel ao que de fato aconteceu (existe memória fiel?), mas como o cérebro do Joel entendeu e quis contar para nós telespectadores, relacionando as interpretações das cores que o personagem tinha, para nós. Há também os modos de como queremos entender ou somos levados a entender por nossas próprias subjetividades. As cores foram utilizadas potencialmente como ferramentas interpretativas no filme. A percepção que temos sobre

como o personagem Joel é um ser solitário e triste sem a Clem em sua vida, tudo nos é provocado pela associação com a cores.

Concluímos também que fica evidente como as cores no mundo cinematográfico e em artes visuais podem ser mais que complementos ou suplementos, mas partes integrantes da própria narrativa, do texto, carregando significados múltiplos, ampliando a possibilidade de leituras. Para além das subjetividades, essa espécie de “semiótica das cores” aqui salientada, mostrou-se necessária para a compreensão de relações entre palavra e imagem, relação estabelecida desde o desenho das letras e que, no caso do cinema, eleva ao máximo a vinculação verbo-visual, importante à cultura humana desde as primeiras grafias em cavernas.

Os estudos apresentados por Eva Heller (2014) sobre a psicologia das cores foram um alicerce importante para as análises realizadas durante toda a pesquisa, utilizados como uma das ferramentas para decodificar as cores através das cenas e das caracterizações dos personagens, correlacionando os aspectos emocionais de acordo com cada cor selecionada. Heller procedeu a uma análise de dados de campo sobre as cores, entrevistando pessoas de diversas culturas sobre como elas relacionavam com determinadas cores e aos sentimentos delas quando pensavam na cor mencionada.

Adotamos a perspectiva de Heller, aproveitando-nos de suas conclusões. Assim, a atual pesquisa buscou realizar essas análises com base na obra fílmica em questão, separando 4 momentos específicos pautados em cores diferentes, que aparecem de maneira intensa durante a narrativa, que, ao modo nosso de ver, dialogaram com os sentimentos que os personagens expressavam durante as fases do relacionamento. Especialmente Joel, a partir do qual o espectador também vai lembrando e esquecendo sobre coisas que não viveu ou viveu, quiçá, de outros modos. Ou vive certamente enquanto assiste, tal e qual experimentamos as subjetividades de um poema enquanto o lemos. Assim foi que enxergamos a “poética” do filme, como essas teias de estruturação material daquilo que poemas pensar enquanto arte e expressão. No caso, as teias foram constituídas pelas cores. Compreendendo de forma implícita como os tons conversavam conosco, leitor/público, a todo o momento, dando avisos de como estava o mundo da narrativa, de como eram os personagens, e até certos *spoilers* sobre o que viria acontecer, indicando respectivos comportamentos durante toda a narrativa do filme.

Essas são as considerações. Como um suplemento às leituras já expostas, consideramos apresentar também as nossas lembranças e esquecimentos gerados de toda essa leitura em nossa subjetividade. O que segue, portanto, pode ser considerado a “cor” suplementar e visual de nossa leitura verbal.

REFERÊNCIAS

ABUD, Marcelo. O que é contralonialismo e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial?. **Instituto Claro Educação**. 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/> . Acesso em: 16 de novembro de 2023

APPOLINARIO, Fábio. **Metodologia da ciência**: Filosofia da prática da pesquisa. Edt: cengage learning; 2º edição. 2011.

DURSKI, Giovanna. **Simbologia das Cores no Cinema**: Um Estudo do Filme Amores Imaginários. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Cascavel – PR, 2018.

HELLER, Eva. **A Psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. 1º.ed. São Paulo. Editora G. Gili, LTDA. 2014.

KANDINSKY, Wassily. **Do Espiritual na Arte, e na pintura em particular**. 3ª edição. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2015.

FURTADO, Laura Rodrigues. **A influência da cor na construção da personagem Clementine em Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças**. Trabalho de conclusão de curso (TCC). Curso de Publicidade e Propaganda do UniCEUB, Brasília, 2018.

LUCENA, L. Entre o lembrar e o esquecer: reflexões sobre a memória e o esquecimento a partir de Nietzsche e Bergson. Griot : Revista de Filosofia, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 85–94, 2022. DOI: 10.31977/griofi.v22i1.2762. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/2762>. Acesso em: 26 nov. 2023.

MELO, Desirée Paschoal. MELO, Venise Paschoal. **Uma Introdução à Semiótica Peirceana**. 1º.ed. Paraná: Unicentro, 2021.

NOGUEIRA, Kenyxo Alex Pontes. **Cores, emoções e cartazes de cinema**: um estudo de respostas emocionais às cores utilizando o espaço efetivo; Orientação: Profa.Dr.Carla Patrícia de Araújo Pereira. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia, 2017.

O QUE SIGNIFICA “ TO FEEL BLUE”? – EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS. After All an English School. Nov. 01, 2017. Acesso em: 13 de dezembro de 2022. Disponível em: [https://www.afterall.com.br/blog/o-que-significa-to-feel-blue-expressoes-idiomaticas#:~:text=A%20palavra%20"blue"%20está%20ligada,cromoterapia%20para%20promover%20o%20relaxamento\).](https://www.afterall.com.br/blog/o-que-significa-to-feel-blue-expressoes-idiomaticas#:~:text=A%20palavra%20)

RAMOS, João Pedro. **O Significado da Cor no Cinema**. 2014. Tese (doutorado)- curso de Comunicação Audiovisual. ESMAE- Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, Policentro Porto, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. (2006). Curso de lingüística geral. 27. ed. São Paulo: Cultrix

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. 2º.ed. Campinas/ SP: Papirus Editora, 2006.

SOUSA, Taciana Ematné de. **A cor como elemento narrativo** – uma análise do filme “um dia, um gato”. Orientadora: Erika Savemini Lopes. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade Comunicação Social, 2016.

SILVEIRA, C. R. **Metodologia de Pesquisa**. Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2º ed., 2011, 120 p. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/206318/2/Pos%20Ciencias%20-%20Metodologia%20da%20Pesquisa%20-%20MIOLO.pdf>. Acesso em: 12/10/2022

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI; J. F. **Pesquisa documental**: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I, Número I, jul. 2009, 15 p. Disponível em: https://siposg.furg.br/selecao/download/1123/pesquisa_documental.pdf. Acesso em: 12/10/2022

